



Meninas de Sinhá: religiosidade e trocas culturais em torno do evento musical.

Daniele Damasceno Fischer¹

Categoria: Comunicação.

Resumo: As “Meninas de Sinhá” são um grupo de cantoras da terceira idade sediado em um bairro popular de BH. A face artística do grupo se conecta a todo um trabalho, desenvolvido no Centro Cultural Alto Vera Cruz, de oficinas e ações sociais ligadas à arte, principalmente à música. Propomos aqui a apresentação de algumas questões levantadas em pesquisa de doutorado em andamento, a partir de uma perspectiva etnomusicológica. Trata-se de “mulheres”, “idosas”, em grande parte “negras”, “moradoras de um bairro pauperizado” da metrópole Belo Horizonte. A participação no grupo Meninas de Sinhá ou no movimento maior paralelo ao grupo representa uma forma de resistência e transformação de diversos tipos de discriminação em cada experiência de vida. Trataremos nesta comunicação de uma questão mais específica, ligada à religiosidade do grupo. Apesar de não ser reivindicada de forma direta, uma religiosidade atravessa sua prática e explicita preconceitos da sociedade.

Palavras-chave: Meninas de Sinhá. Religiosidade. Etnomusicologia.

Title of the paper in English: Meninas de Sinhá: religiosity and cultural exchanges around the musical event.

Abstract: The “Meninas de Sinhá” are a group of singers of the third age based in a popular neighborhood of BH. The artistic side of the group connects to a whole work, developed at the Centro Cultural Alto Vera Cruz, of workshops and social actions related to art, mainly to music. We propose here the presentation of some issues raised in ongoing doctoral research, from an ethnomusicological perspective. These are “women”, “elderly”, largely “black”, “residents of a poor neighborhood” in the metropolis Belo Horizonte. Participation in the Meninas de Sinhá group or in the larger movement parallel to the group represents a form of resistance and transformation of different types of discrimination in each life experience. In this communication we will deal with a more specific issue, linked to the group's religiosity. Although not directly claimed, religiosity runs through its practice and makes society's prejudices explicit.

Keywords: Meninas de Sinhá. Religiosity. Ethnomusicology.

¹ Mestre em Música, UFMG – Escola de Música, danielefischer15@gmail.com



Introdução

Na presente comunicação, iremos compartilhar algumas reflexões derivadas de nosso trabalho de campo e respectiva pesquisa bibliográfica. Nossas colaboradoras fazem parte de um grupo musical conhecido por Meninas de Sinhá.

O Grupo Cultural Meninas de Sinhá completa 24 anos de existência em 8 de dezembro de 2020 e conta oficialmente com 18 integrantes com idades entre 59 e 85 anos.

São elas: Noêmia, Diva Altina, Niuza, Dorvalina, Bernardina de Sena (Seninha), Sueli, Maria da Conceição (Pretinha), Ephigênia, Joana D'arc, Nilva, Maria Gonçalves (Mariinha), Rosária, Maria das Mercês (D. Mercês), Neide, Maria Geralda, Cleuza, Lourdes (Lourdinha), Domingas.

Trata-se de um grupo formado majoritariamente por mulheres idosas que residem no bairro Alto Vera Cruz (e adjacências) onde também localiza-se a sede em que são feitos os ensaios para as apresentações musicais das quais participam.

Ao longo de sua trajetória as Meninas de Sinhá têm despertado o interesse da comunidade acadêmica por motivos variados, assim como variados são os enfoques das pesquisas desenvolvidas, desde trabalhos no âmbito da Psicologia Social, como na área da Educação (em diálogo com a educação musical), assim como também no âmbito dos Estudos do Lazer e também da Antropologia.

Em nosso caso, nossa pesquisa situa-se no contexto da Etnomusicologia e está inserida na linha de pesquisa Música e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Música da UFMG².

O grupo atualmente desenvolve um trabalho performático onde são interpretadas cantigas de roda e músicas de domínio público, porém, em seu surgimento, o contexto do sofrimento mental das mulheres da comunidade foi a mola propulsora para que D. Valdete³ iniciasse um trabalho com essas mulheres.

A partir do encontro dessas mulheres (a convite de D. Valdete) várias fases foram observadas. Atividades como trabalhos manuais e expressão corporal compõem o histórico de formação até chegar no formato atual que concerne num trabalho voltado para a performance musical.

² Gostaria aqui de mencionar e agradecer o apoio de meu orientador Dr. Eduardo Pires Rosse.

³ Fundadora do grupo e falecida em 2014.



Tal atividade performática não é vista como um elemento separado dos sujeitos que a produzem, pelo contrário, a partir de um olhar etnomusicológico, é nos permitido considerar não só o fenômeno musical em si, como também lançar um olhar para os sujeitos que o vivenciam.

Nosso interesse pelo grupo originariamente se debruçava a respeito da dinâmica das relações interpessoais em interface com o fenômeno musical, porém, ao começarmos nosso trabalho de campo, percebemos que outras variáveis também estavam presentes.

Compartilhamos através desses escritos a interface entre música e religiosidade como componentes de uma das experiências vividas em campo bem como resultante de nossas pesquisas bibliográficas.

1. Religiosidade e suas dinâmicas em torno do evento musical.

A religiosidade é um aspecto importante que não só participa dos rituais que antecedem às apresentações, como também foi responsável pela evasão de algumas mulheres no início do grupo.

Nota-se em trabalhos acadêmicos pregressos alguns relatos de como pré-julgamentos referentes à religiosidade interferem inclusive na imagem do grupo perante a comunidade.

Em Gil (2008, p.25) vemos: “Nem todas participam dos shows. Algumas, em razão de opção religiosa, não se apresentam em público”.

Caldeira (2013, p.29) nos relata a hostilização sofrida pelas integrantes em função de suas vestimentas que eram associadas a “macumbeiras”:

No processo de formação do grupo, passaram por inúmeras dificuldades relacionadas à aceitação por parte da comunidade e, muitas vezes, dos próprios familiares. Eram ofendidas pelos moradores do bairro, que chegavam a chamá-las de “macumbeiras” (...), por causa da vestimenta (blusa branca de mangas fofas e saia rodada com estampa florida).

Ainda em Caldeira (2013, p. 59) encontramos mais discriminações sofridas pelas mulheres no início do grupo, e a identificação pejorativa de “macumbeiras” aparece novamente:

Além dos papéis que destacamos até agora, de deprimida e de artista, houve outros papéis que a comunidade designou para as



Meninas. Foram rotuladas de macumbeiras, desocupadas, promíscuas.

Em Araújo (2014, p. 47) a autora diz que “hoje o grupo tem trinta integrantes, mas elas já foram mais de cinquenta. Algumas mulheres faleceram, outras deixaram o grupo por motivos religiosos ou pessoais”.

Em Henery (2010) a autora narra um evento onde as Meninas foram se apresentar em uma igreja evangélica e que foi notável o receio dos membros da igreja em relação à sua presença com suas vestimentas (associadas a baianas - no sentido de associação a filhas de santo - ou macumbeiras).

Em Borges (2019, p. 134) também vemos sinalizações da discriminação sofrida pelas integrantes do grupo ocasionada por suas vestimentas:

A maior parte do bairro gosta da gente e vai às apresentações, mas quando eu fui entrar no grupo, há três anos, várias pessoas daqui da comunidade estranharam e me perguntavam se eu ia entrar para o grupo de macumbeiras. Esse jeito que a gente veste incomoda algumas pessoas aqui na comunidade, que ficam falando que somos macumbeiras. Inclusive, tem pessoas que não conversam comigo mais porque sou menina de sinhá. Eu sinto esse preconceito. (...). Acho que as igrejas evangélicas influenciaram para acontecer esse preconceito. Nós tínhamos uma amiga no grupo que era muito atuante, uma pessoa muito legal, mas ela saiu e até queimou o figurino dela de menina de sinhá, porque o pastor falou com ela que era coisa do demônio. Outra, que afastou do grupo também foi a mesma coisa, ela passou a pertencer a uma igreja que o pastor não gostava que ela viesse pra cá. E, na igreja católica, o grupo se apresenta a convite do padre, mas ainda sim, muitas mulheres beatas mais antigas saíram da igreja porque acharam que o padre estava apoiando as “macumbeiras”...

Borges (2019, p. 135) sintetiza muito bem essas discriminações (e como as mesmas atravessam a dinâmica do grupo): “para elas, ambas as formas de preconceito, racial e religioso, são barreiras de acesso para as mulheres brancas e evangélicas da comunidade local ao grupo”.

É interessante notar que os preconceitos associados ao termo “macumbeiras” ou inerentes aos rituais da missa afro nos remetem a uma mesma raiz, ou seja, a demonização sofrida pelos ritos e manifestações culturais oriundos da cultura negra. Mais do que isso, no cerne, está o racismo entranhado na visão deturpada de toda e qualquer manifestação que não seja hegemonicamente identificada com os ritos da supremacia branca.



Como nos coloca Munanga (2008, p. 5), “sem dúvida devemos condenar todas as formas de intolerância, mas o que devemos buscar, afinal, não é a tolerância, mas sim a convivência igualitária das culturas, identidades, dos grupos e sociedades humanas, dos homens e mulheres”.

Dessa forma, através desses pequenos relatos, conseguimos perceber a vertente negativa ligada a pré-julgamentos religiosos e de como tais ocorrências interferiram diretamente na evasão de algumas mulheres do grupo ou num certo tratamento hostil advindo de alguns membros da comunidade para com o grupo.

Por outro lado, vivenciamos por meio de nossa pesquisa de campo, aspectos positivos de troca e agregação impulsionados pela interface entre a religiosidade e a música. Essa vivência será relatada a seguir.

2. Vivenciando a religiosidade em interface com a música – relato etnográfico

Além do relato das pesquisadoras sobre os preconceitos sofridos pelo grupo ou evasão de membros em decorrência de discriminação, gostaria agora de compartilhar uma outra visão advinda da minha própria experiência enquanto pesquisadora, ao acompanhar etnograficamente o dia da realização da Missa Afro na comunidade e demais rituais envolvidos no evento.

Em oito de dezembro, comemora-se o aniversário de existência do grupo Meninas de Sinhá e em 2019 foram comemorados os vinte e três anos de sua existência. Estando em campo intenso junto às Meninas, não me furtei a participar dessa comemoração por motivos pessoais (estar junto delas em data tão importante) e por motivos acadêmicos (não poderia recusar a oportunidade de estar num evento tão significativo).

Segundo Patrícia Lacerda⁴ havia me informado, as comemorações começariam no Centro Cultural do Bairro Alto Vera Cruz, para, em seguida, continuar em cortejo pelas ruas da comunidade e finalizar uma primeira parte na Igreja Nossa Senhora Aparecida onde seria rezada a Missa Afro⁵. Haveria uma pausa para o almoço e em seguida, seriam

⁴ Produtora cultural do grupo.

⁵ Gil (2008, p. 123) relata uma fala de D. Mercês (uma das Meninas) pedindo ao padre da paróquia local para que pudessem participar de uma Missa Afro já demonstrando o vínculo do grupo com aspectos envolvendo a religiosidade.



retomadas as atividades que englobariam uma série de apresentações do grupo como forma de executar o encerramento das oficinas⁶ realizadas durante o ano de 2019.

No dia previsto compareci ao Centro Cultural do Bairro Alto Vera Cruz onde as solenidades começariam. Estavam presentes todas as integrantes do Meninas de Sinhá, juntamente com Geraldo (o violonista que acompanha o grupo), Gabriel (estagiário de museologia do grupo e que exerce outras funções de apoio) e Patrícia. Além disso, havia membros da comunidade e a Guarda de Congo do Bairro Urca.

Quando cheguei ao Centro Cultural notei que havia sido servido um café da manhã para os presentes e alguns cânticos estavam acontecendo. Houve uma espécie de finalização desse momento com a fala da Patrícia sobre o grupo Meninas de Sinhá e de uma anciã (D. Francisca) pertencente à comunidade do bairro Urca que cantou um lamento.

Patrícia anunciou que seria o início do cortejo pelo bairro enquanto os presentes se organizavam para a saída. Descemos as escadas do Centro Cultural e a essa altura, os integrantes da Guarda de Congo já estavam à frente, entoando cânticos variados. As Meninas de Sinhá participavam ativamente desse momento juntamente com transeuntes e demais pessoas que estavam envolvidas na solenidade.

O fator de agregação em torno da religiosidade pôde ser percebido mais uma vez ao me deparar com uma Menina de Sinhá que até então, durante todo o meu trabalho de campo de 2019, não tinha comparecido às atividades (oficinas e apresentações). Trata-se de Domingas. Sua presença fazia-se notar junto ao cortejo e Gabriel me explicou que a mesma não se faz muito presente nos eventos do grupo devido à distância de sua moradia em relação ao bairro Alto Vera Cruz.

Continuamos a caminhada e pude perceber uma grande participação da comunidade em seguir o cortejo. Nesse sentido, me chamou atenção as trocas culturais com e através do grupo Meninas de Sinhá e como isso agrega valores para a comunidade.

Sendo a Guarda de Congo manifestação representativa da diversidade religiosa e cultural advinda de herança africana, reafirmo a importância da presença de tal grupo nessa ocasião e ressalto a participação das Meninas de Sinhá não só como grupo anfitrião, mas também, como viabilizador dessa valiosa troca e mecanismo de resistência cultural.

⁶ Oficinas constituintes do projeto “Música que transforma” que oferece aulas de canto, percussão, viola e violão, trabalhos manuais e artesanato para as Meninas e é extensivo à participação da comunidade em faixa etária compreendida como terceira idade.



Borges (2019, p. 135) nos aponta a consciência que as Meninas têm da importância dessas trocas culturais: “As Meninas revelam serem conhecedoras de que o conhecimento e o acesso à cultura são caminhos para que surja um novo conceito e apreensão da comunidade sobre o que elas fazem e representam”.

Proporcionar tais encontros reforça atos de resistência contra a opressão cultural, contra o preconceito e contra a hegemonia religiosa imposta pelos cultos neopentecostais.

Nesse sentido, Munanga (2008, p. 12) acrescenta que:

Qualquer que seja sua forma o multiculturalismo está relacionado com a política das diferenças e com o surgimento das lutas sociais contra as sociedades racistas, sexistas e classistas. Por isso, a discussão sobre o multiculturalismo deve levar em conta os temas da identidade racial e da diversidade cultural para a formação da cidadania como pedagogia anti-racista .

Nesse trajeto de trocas e surpresas, chegamos à Igreja Nossa Senhora Aparecida. Ali se instaurou todo o rito operado pelas missas afro, desde o lamento na porta da igreja, até a continuidade da cerimônia que se desenrolou no interior do templo⁷.

Foi especialmente tocante assistir o lamento cantado por um dos integrantes da guarda, o qual trouxe a simbologia do apelo dos negros para serem autorizados a entrar na igreja, numa época em que exercer sua religião (o que dirá sua liberdade) era proibido⁸.

Após todo o rito que aconteceu dentro da igreja, nos encaminhamos para o lugar onde seria servido o almoço.

Participaram do almoço todos os integrantes do Grupo Cultural Meninas de Sinhá que estavam presentes (apesar da redundância, friso que considero aqui Geraldo, Patrícia, Gabriel), os integrantes da Guarda de Congo do Bairro Urca e algumas pessoas que indiretamente estavam envolvidas com o evento, como no meu caso.

Ritualmente, o almoço seguiu os protocolos constituintes das festas de guardas. Houve cânticos iniciais para abençoar o lugar, cânticos para abençoar a comida e cântico de despedida.

⁷ Segundo Lucas (2002, p.67) a Missa Conga difere-se da tradicional pela inclusão de cantos próprios do Congado. E mais adiante (p. 246) nos esclarece que a Missa Conga foi criada pela Federação dos Congados de Minas Gerais na década de 1960, “para aproximar e melhorar as relações entre os Congados e a Igreja Católica”. Aqui, a autora nomeia a referida missa como Conga, mas inferimos tratar-se de mesmo ritual nomeado como Missa Afro. Podemos deduzir isso ao consultar Lopes (2015, p. 115).

⁸ Nesse ponto não posso deixar de mencionar a gratidão à professora e amiga Glaucia Lucas que tanto nos brindou em suas aulas com seus conhecimentos em torno da religiosidade negra e reinadeira.



Assistir a tudo aquilo, ouvir todos aqueles cânticos me fizeram sentir uma privilegiada enquanto pesquisadora (como muitas outras vezes me senti entre as Meninas). Deixar de mencionar tais sentimentos é querer forçar um “rigor científico” desnecessário em um trabalho de cunho etnomusicológico. A música é feita por pessoas e vínculos de toda a sorte devem ser considerados quando consideramos o fazer musical mais amplo que um simples evento sonoro.

E toda essa experiência mostrou um outro lado que pode ser alcançado no que diz respeito à interseção entre religiosidade e evento musical. O lado do compartilhamento, do senso de agregação e do respeito à diversidade.

Ademais, gostaríamos de ressaltar a importância que estas festas religiosas têm perante o grupo e sua memória.

3. A religiosidade em interface com o evento musical – possibilidade de enraizamento.

A autora Adriana Araújo (2014) faz em seu trabalho uma apresentação de todas as Meninas existentes no grupo e seu discurso é baseado no livro de Galvão *et. al.* (2010). Interessante notar que a palavra “festas religiosas” aparece na narrativa de doze das trinta e três integrantes entrevistadas e são associadas a momentos de lazer e confraternização envolvendo também a música.

Ainda em Araújo (2014, p. 72) encontramos uma valiosa contribuição nesse sentido:

A presença das festas religiosas e das coroações de maio, também frequentes nas lembranças das mulheres, estabelecem uma relação com a prática do grupo, fazendo uma ponte entre a história passada e a realidade atual.

Em Galvão *et. al.* (2010) o relato a respeito da infância das integrantes do grupo revela uma característica em comum: a grande maioria migrou do campo para a cidade e encontramos nos vários relatos das Meninas a lembrança bucólica dos tempos de infância (apesar da dureza do trabalho precoce a que eram submetidas) no que diz respeito às festas religiosas e aos momentos junto à família em que a música aparecia como pano de fundo.

Já em Henery (2010), os relatos irão convergir em torno das experiências vividas no Alto Vera Cruz e percebemos claramente uma aura de nostalgia no que se refere aos elos progressos existentes em sua infância. Várias integrantes relatam a vida dura levada quando



chegaram na periferia de Belo Horizonte e o sentimento de despersonalização que as acompanhou durante muito tempo até que outros vínculos fossem formados. A autora aponta o forte vínculo de identificação das mulheres com suas tradições e locais de nascimento em várias partes do interior do estado.

Nesse sentido, a despeito da condição dos migrantes, Bosi (2003, p. 176) tece importantes considerações que advêm dos escritos de Simone Weil:

Como pensar em cultura popular em um país de migrantes? O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoadado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus... Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade, a sua fala é chamada 'código restrito' pelos linguistas, seu jeito de viver, 'carência cultural', sua religião, credence ou folclore. Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode nascer nessa terra de erosão.

Ora, se o desenraizamento é justamente o fato de ser apartado de seus costumes, o enraizamento é, ao contrário, resgatar tais costumes. Bosi (2003, p. 208) nos coloca que “O enraizamento é um direito humano esquecido”.

Nesse ponto, a autora trata especificamente da liturgia ao nos dizer (idem, p. 209) – “O migrante vem chegando à cidade com as raízes partidas: a liturgia poderia enraizá-lo, criar e reviver tradições, valores, lembranças que dão sentido à vida”.

E é aí que gostaríamos de ressaltar a importância da viabilização dessas comemorações religiosas no que diz respeito à manutenção de vínculos interpessoais bem como vínculos com memórias pregressas advindas dos tempos de infância.

Tais momentos oportunizam a possibilidade do enraizamento e trazem às integrantes o ensejo de recuperar as memórias ligadas a tais acontecimentos. Assim, uma maior significância associada ao evento musical pode ser acessada e tais pontes são agora construídas juntamente com o grupo.

Propiciar a existência de tais momentos é essencial para favorecer trocas culturais, resgatar memórias pregressas, ressaltar a importância do convívio comunitário e desenvolver o respeito à diversidade religiosa.

Através desses singelos momentos, uma miríade de oportunidades positivadas podem ser cultivadas e acessadas. Ressaltamos a importância da manutenção de tais momentos em comunidade.

Considerações finais



A religiosidade permeia as relações constitutivas do grupo Meninas de Sinhá com a comunidade de seu entorno desde o seu surgimento.

Se no início do grupo é notável que visões preconceituosas e discriminatórias pautavam as relações entre comunidade e as Meninas, podemos observar uma mudança nessa dinâmica ao vivenciar um momento em nosso trabalho de campo em que a troca intercultural foi vivenciada com alegria e respeito.

Mais do que simplesmente falar de religiosidade, ressaltamos aqui o vínculo intrínseco com o evento musical e com as respectivas pessoas que produzem essa música.

O olhar através das lentes da Etnomusicologia nos permite observar tais nuances e perscrutar a importância de tais aspectos na história dos sujeitos envolvidos.

Não apartamos a música dos sujeitos que a produzem e nem tampouco desconsideramos o contexto de significâncias que envolvem tais eventos.

E assim, através dessas redes, somos convidados a ampliar nosso olhar em torno do acontecimento musical e desvelar mais do que aspectos sonoros, vamos na verdade de encontro com os sentidos produzidos e acessados por esses sujeitos.

Referências

ARAÚJO, Adriana Dias Gomide. **Apropriações de sentidos de um grupo cultural de cantigas de roda**. Campinas, 2014. (203 p.) Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP.

BORGES, Raquel de Magalhães. **EnvelheSer em Meninas de Sinhá**. Belo Horizonte, 2019. (161 p.) Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Educação Física.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

CALDEIRA, Samira Maria. **Meninas de Sinhá: os sentidos do grupo na história de vida de suas integrantes**. Belo Horizonte, 2013. (98 p.) Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC/Minas.

GALVÃO, Ana Maria, *et al.* **Histórias de meninas: Meninas de Sinhá**. Belo Horizonte, Duo Editorial, 2010.

GIL, Thaís Nogueira. **Meninas de Sinhá: a reinvenção da vida nas tramas do discurso musical**. Belo Horizonte, 2008. (190 p.). Dissertação de mestrado apresentada no Curso de Mestrado da Faculdade de Educação da UFMG.



HENERY, Celeste Sian. **The Balance of Souls: self-making and mental wellness in the lives of ageing black women in Brazil.** Austin/EUA, 2010. (421 p.). Dissertação de Doutorado apresentada à Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Texas.

LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro. Ed. Selo Negro. São Paulo, 2015.

LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002. (360p.)

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a África na escola brasileira. Conferência proferida no teatro da Casa do Saber de Camaçari, na ocasião da comemoração do Dia da África, em 30 de maio de 2008.